

O SONHO DO NÃO-EU

Luís Paulo Fiúza Marques¹

Resumo: Neste trabalho, temos como objetivo analisar o conto “Os anéis da Serpente”, de Rubens Figueiredo, que faz parte da obra “O livro dos lobos”, do mesmo autor, publicada em 1994 e reeditada em 2009. Por meio de um estudo afincado nos conceitos de literatura fantástica, sobretudo aos que se referem a Tzvetan Todorov (2012), David Roas (2011) e Ana Lucia Trevisan e Maria Luiza Guarniere (2012), analisaremos neste estudo a estrutura da narrativa onírica de Figueiredo e como o protagonista se relaciona com o seu não-eu, isto é, com o seu duplo no decorrer da narrativa por meio do sonho.

Palavras-chave: Literatura fantástica, sonho e duplo.

O Livro dos Lobos

A obra de contos de Rubens Figueiredo foi publicada em 1994 e praticamente reescrita pelo autor em 2009, na segunda edição. O livro contém sete contos, nos quais as personagens parecem estar presas em seus próprios pensamentos. O conto que escolhemos para analisar é *Os anéis da serpente*, que faz parte da obra, e é narrado a partir de uma atmosfera fantástica.

O autor de *O livro dos lobos*, Rubens Figueiredo, já tem publicado 8 livros na sua carreira de escritor, dentre eles *As palavras secretas*, 1998 e *Barco a seco*, 2002, ambas as obras premiadas pelo Prêmios Jabuti.

Análise do conto Os anéis da serpente

O conto inicia-se com a personagem principal afirmando que não tinha problemas com sonhos. Faz essa afirmação já na primeira linha do conto “Nunca me preocupei com sonhos” (FIGUEIREDO, 2009, p. 125) e também no segundo parágrafo “nunca me preocupei com o que sonhava” (FIGUEIREDO, 2009, p. 125). Tal constatação já na introdução do texto nos indica que talvez haverá um problema com sonho no decorrer do enredo, o que ocorre de fato.

Narrado em primeira pessoa, o protagonista (que não é nomeado, assim como todas as personagens do conto, exceto Mendonça, colega de trabalho do protagonista) narra a

¹ Discente do curso de doutorado em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Apoio de pesquisa: Fundo Mackenzie de Pesquisa - MACKPESQUISA
Contato: lispfm@hotmail.com

história de um sonho que vem tirando o seu sono. No começo ele traduz tudo isso como uma bobagem, mas com o desenrolar do enredo, o sonho vai se tornando cada vez mais real, isto é, parece participar da vida da personagem na sua rotina. E isso o incomodava a ponto dele começar a colocar grampos, espetos, cascas duras embaixo dos lençóis para que o seu sono fosse interrompido (FIGUEIREDO, 2009).

Segundo o narrador personagem, ele sonhara com um homem que estava numa cama. Era sempre o mesmo sujeito em um quarto de uma pensão pobre que, apesar de estar acordando, sempre era no período da noite, fato que pela janela o narrador vê um poste acesso na rua. O homem sonhado parecia mais velho que o protagonista e segundo este “mal-educado, agressivo e sem paciência” (FIGUEIREDO, 2009, p. 125). O narrador parece que o vai conhecendo à medida de que sonha e pode descrevê-lo de maneira mais profunda “notei que o sentimento mais constante naquele homem era a raiva” (FIGUEIREDO, 2009, p. 128).

Conforme o narrador vai nos apresentando os elementos da narrativa do conto, o sujeito trabalha à noite como segurança de uma boate, talvez isso explicasse o fato de ele sempre estar acordando à noite. Ele parece ser vaidoso com sua aparência, pois de acordo com o narrador ele se preocupa com as suas roupas e, às vezes, descia brigar com as lavadeiras da pensão que não limpavam direito as suas camisas.

Além disso, havia também a preocupação com um acessório, o anel da serpente:

No dedo, enfiava sempre um anel dourado e lustroso. Aquilo se repetia e tentei me concentrar no anel, que eu só podia ver à distância. Com o tempo, consegui focalizar melhor a joia, e valeu a pena, pois se tratava de um anel muito bonito, em forma de cobra (FIGUEIREDO, 2009, p. 128)

Até aqui o narrador nos apresentou a história de seu sonho que se repetia todas as noites, mas nada de anormal havia, a princípio, no enredo do conto. Aliás, esse fato narrado se pautando em uma apresentação de realidade muito próxima do leitor é uma das técnicas da narrativa fantástica segundo Todorov, pois é nesse mundo parecido com o nosso “que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros” é que se dá o âmago do fantástico (TODOROV, 2012, p. 30).

Essa proximidade se dá porque o narrador personagem é uma pessoa comum, que trabalha o dia todo em um escritório, mora sozinho em uma cidade grande (a qual não é nomeada). Portanto, tudo isso nos aproxima de uma realidade parecida com a nossa, diferente de um conto de fadas, por exemplo. É nessa aproximação que vai ocorrer o conto

fantástico, pois alguma ordem do mundo será quebrada por meio de uma hesitação ou dúvida com determinado fato.

No decorrer do conto, percebemos que o sonho, aquilo com o que o narrador personagem não se preocupava no início do texto, passa a tirar o seu sono e agora o narrador afirma que “comecei a ter medo de dormir e passei a pôr grampos na cama” (FIGUEIREDO, 2009, p. 129). Fato é que há uma mudança no discurso do narrador.

Essa mudança é o primeiro sinal da hesitação, a qual ocorre quando o narrador sonha que o homem está voltando da boate e passa por uma banca e compra o jornal do dia. Como a manchete do texto jornalístico ficou gravada na sua memória, ao passar por uma banca percebe que a manchete com a qual havia sonhado era a mesma que realmente estava em vigor naquele dia no jornal. Temos nesse instante a instauração da dúvida e, portanto, do fantástico no conto. Conforme Todorov, “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2012, p. 31).

Segundo Todorov, no conto fantástico “produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo” (TODOROV, 2012, p. 30). E é nesse momento que a personagem fica na dúvida se aquilo aconteceu mesmo ou se é apenas uma coincidência. Para o autor russo:

Aquele que percebe [a dualidade] deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produtor da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós (TODOROV, 2012, p. 30).

Ao se deparar com essa dúvida, a personagem resolve contar o seu problema para Mendonça, como já foi referido, colega de trabalho do escritório. O que parece é que o narrador quer uma explicação, isto é, uma racionalização para o fato. Para Mendonça o que ocorreu é “mais comum que a gente pensa” e exemplifica isso contando que uma vez sonhara que lera um livro e achava piamente que o lera, e depois percebeu que não havia lido, mas que havia sonhado com esse fato. Há aqui uma racionalização do fato, uma tentativa de trazê-lo para as leis naturais e manter a ordem das coisas na narrativa.

Após essa explicação do sonho feita por seu colega de trabalho, a personagem toma seu lugar e faz uma das coisas que mais gosta para passar o tempo no escritório, olhar pela janela. Através dela, pode ver vários escritórios e fica algum tempo observando para

as pessoas e analisando suas roupas e acessórios. Havia uma mulher que era a sua personagem preferida, e já a conhecia de tanto observá-la:

Notei que nos dedos não tinha anéis. Conheci seus brincos, um por um, para a par, e quando brincos novos apareciam eu logo lhes dava uma atenção especial. Minha curiosidade tentava descobrir em casa nova peça alguma alteração significativa na vida daquela mulher (FIGUEIREDO, 2009, p. 131).

Apesar de toda observação na vida real, a personagem não era um bom analista de seu próprio sonho, ele mesmo percebe essa importância pela prática de olhar, mas como diz “demorei a prestar atenção em meu sonho” (FIGUEIREDO, 2009, p. 132). A partir daí, quando a personagem se dá conta dessa análise para o sonho, começa no conto uma profunda observação do protagonista para com o mesmo “com o tempo, certos gestos e olhares do homem, talvez linhas mais fundas ao lado da boca e na testa, criaram em mim a sensação de que sua irritação havia aumentado (FIGUEIREDO, 2009, p. 132).

É nesse instante que nos traz uma segunda hesitação, a que não apenas o protagonista vê o sujeito de seu sonho, como também o sujeito sonhado vê o seu “demiurgo” pelo espelho. Nessa dúvida, a personagem fica com mais medo ainda do seu sonho, medo de que este sujeito venha ao seu encontro, pois assim como ele pode vê-lo, talvez o sujeito do sonho também o possa ver. A dúvida é construída por meio do imperfeito do verbo parecer – parecia -, as narrativas fantásticas estão repletas de atenuações verbais ou de advérbios de dúvida para criar esse efeito no leitor, pois como Todorov observa “a hesitação que lhe dá vida [...] a hesitação do leitor é pois a primeira condição do fantástico” (TODOROV, 2012, p.36-37) Para este teórico há três condições determinantes para que ocorra o fantástico:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens com um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem, desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm valor igual. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não ser satisfeita. Entretanto, a maior parte dos exemplos preenchem as três condições (TODOROV, 2012, p. 39)

Pela leitura do conto, percebe-se que o autor nos leva pelos caminhos teóricos que Todorov propôs. Talvez por mera coincidência, ou quem sabe por que ele conhece esse conceito já que o autor foi professor de teoria literária na PUC-RJ e tradutor de livros de língua russa (nesta está incluído o próprio teórico que estamos nos pautando para análise – Todorov).

Enfim, coincidências à parte, as condições estabelecidas por Todorov relacionam-se com a estrutura da narrativa, pois a primeira condição que é de nos levar a pensar que esse mundo da personagem é similar ao nosso é elaborado de uma maneira muito natural no texto, até mesmo porque não temos um mundo diferente daquele que nos é apresentado pela realidade que conhecemos. A segunda condição, que não tem o mesmo valor que a primeira e a segunda de acordo com Todorov, é a hesitação do leitor a partir de algo que ocorreu no nível textual e que não pode ser explicado pelas leis naturais, o que faz com que a personagem e o leitor fiquem suspensos na dúvida se de fato ocorreu algo estranho na narrativa ou apenas coincidência. A terceira condição se dá no campo da interpretação do texto narrado, esta não pode ser nem alegórica e nem poética caso contrário a hesitação teria uma explicação, mesmo que metafórica como no texto poético. A hesitação precisa, portanto, deixar o leitor e a personagem na dúvida do fato.

Sabe-se, por outro lado, que o gênero fantástico não segue uma fórmula de apresentação ao leitor, assim como a própria literatura nunca se encaixa exatamente no conceito de um teórico, parece-nos que a arte sempre está acima do próprio conceito de arte. É como se a literatura escapasse das estéticas que histórica e didaticamente a enquadraramos para estudá-la. Desta forma, entendemos que a proposta de Todorov, no entanto, não se pode tomar como regra geral para análise de contos de fantásticos, sobretudo dos textos do século XX em diante. Mas, de certa forma, neste conto de maneira especial (como já citado, devido à biografia do autor do conto) pautamo-nos nesse conceito para uma possível análise do texto.

Por outro lado, não vamos rejeitar os novos conceitos do fantástico, como os elaborados por Roas. É interessante percebermos que apesar de algumas mudanças no conceito de fantástico na mudança de século, alguns elementos do gênero permanecem como o da proximidade com a realidade que nos circunda. Para Roas:

Para comprender las implicaciones de esa confrontación entre lo real y lo imposible, es necesario empezar por examinar qué idea

de realidade estamos manejando. Porque lo fantástico va a depender siempre, por contrates, de lo que consideramos como real (ROAS, 2011, p. 15)

A realidade da personagem do início do conto é muito parecida com a que conhecemos de um sujeito comum e, portanto, não causa estranhamento no leitor, até mesmo sonho é algo comum para nós, é claro que respeitada às devidas proporções se comparado com o do protagonista.

Porém, o sonho dessa personagem não é algo comum, ele incomoda o protagonista, faz com que ele sinta medo, ainda mais quando há uma mudança na ordem daquele. Ocorre que o sujeito com quem sonhava toda noite toma outra direção da qual estava acostumado “vi o homem tomar outra direção” (FIGUEIREDO, 2009, p. 133). Nessa mudança de rotina o sujeito vai ao ponto de ônibus e pega o mesmo ônibus que o protagonista toma para ir ao trabalho. Nesse sentido, dá-se ênfase ao medo do narrador, pois parece que o sujeito está a sua procura:

O ônibus parou e ele subiu. Eu conheci aquele número, conhecia aquele ônibus. Era a linha que eu mesmo pegava todos os dias para ir para o trabalho e voltar. O segurança da boate nunca andava por aquele lado, jamais pegava ônibus. (FIGUEIREDO, 2009, p. 133).

Desta forma, o conto vai tomando a direção da ambiguidade, conforme os estudos de Ana Lucia Trevisan e Maria Luiz Guarnieri Atik no artigo *Um conto de Rubens Figueiredo: A narrativa onírica* afirma-se que “a presença de personagens introspectivas provoca a desestabilização de um entendimento de mundo mais imediato, tal aspecto conjuga-se às formulações da ambiguidade²”. Esta é instaurada no conto quando o sujeito do sonho se torna quase uma realidade para o narrador-personagem, já que o incomoda e praticamente muda um pouco a sua rotina, sobretudo quando o guarda-chuva que esqueceu no ônibus fora encontrado pelo seu personagem onírico em uma de suas “ronda” para encontrar o protagonista.

Só mais tarde, já sonhando, fui lembrar que tinha esquecido o guarda-chuva enfiado no vão estreito entre o banco e a parede do ônibus. Era noite de folga do segurança da boate e, no meu sonho, assim que ele sentou no ônibus para cumprir sua ronda, fez gestos de quem procura alguma coisa. Num instante encontrou meu guarda-chuva no lugar onde eu mesmo o havia deixado (FIGUEIREDO, 2009, p. 133).

² Revista Graphos, vol.14, n°1, 2012/ UFPB/ PPGL ISSN 1516-1536 p. 166

Há, de certa forma, uma interação com o duplo no conto, como se ambas as personagens estivessem passando pela mesma situação. É claro que temos a narrativa contada na primeira pessoa do singular, que nos direciona uma interpretação do protagonista já que temos o seu prisma narrativo. Não há em nenhum momento o discurso direcionado ao outro no conto, as personagens se conhecem, supostamente, apenas pelo sonho. A ideia que nos é possível interpretar é que o homem que trabalha na boate sonha durante o dia com a personagem do escritório, e durante a noite o narrador-personagem sonha com o indivíduo da boate.

Essa procura de “pistas” do duplo começa a causar muito medo no narrador-personagem, pois não sabia o que poderia acontecer caso esse sonho se tornasse uma realidade, isto é, as personagens se encontrassem. Lembrando que sempre o sujeito parecia irritado, de mau humor, o que talvez agravasse o sentimento de receio de encontrar este homem.

Nesta narrativa “o narrador situa-se no centro do relato e depara-se com situações de absurdo desconcertante” (TREVISAN; ATIK, 2012, p. 168). Ela se torna desconcertante porque a própria personagem não consegue lidar com a situação a ponto de mudar a sua rotina noturna para não dormir, ou atrasar o seu sonho (pesadelo) diário “certo dia, depois do trabalho, resolvi ir ao cinema, o que me deixaria acordado até mais tarde do que era costume. Disse “resolvi”, mas hoje parece mais correto, mais sensato, dizer que fiz força para acreditar que era uma decisão minha” (FIGUEIREDO, 2009, p. 135). Não estava mudando apenas o seu cotidiano, mas também a sua saúde “meu sono incompleto” (FIGUEIREDO, 2009, p. 137), como afirma a própria personagem. Além dele, também havia consequências para o sujeito do sonho, pois parecia estar sofrendo também por não dormir “agora ele às vezes se via acometido por sonolências ou desmaios súbitos – na boate, na rua, em qualquer lugar. Seus amigos zombavam dele por esse motivo, chamavam-no de velho, senil, fracote, alguns quiseram até falar em epilepsia (FIGUEIREDO, 2009, p. 137).

Algo que nos chama atenção em determinado momento no conto é a atividade de ver da personagem, buscando traços e detalhes nas pessoas e, sobretudo no sonho, a fim de encontrar pistas para uma solução da situação que estava vivendo. Para Chauí, “ver é pensar pela mediação da linguagem” (CHAUÍ, 1988, p. 39). E o narrador-personagem começa realmente analisar os fatos e por meio de uma visão mais apurada destes trazer um esclarecimento para si mesmo por meio do olhar “com certo orgulho, fui compreendendo que aquele homem não possuía um poder de observação tão

desenvolvida quanto o meu” (FIGUEIREDO, 2009, p. 134). A personagem orgulha-se de perceber o desenvolvimento da sua percepção por meio dos olhos. Ainda sobre a importância do olhar, Chauí reflete que:

Ver é olhar para tomar conhecimento e para ter conhecimento. Esse laço entre ver e conhecer, de um olhar que se tornou cognoscente e não apenas espectador desatento, é o que o verbo grego *eidô* exprime. *Eidô* – ver, observar, examinar, fazer ver, instruir-se, informar, informar-se, conhecer, saber. (CHAUÍ, 1988, p. 35).

É por meio desse olhar atento que a personagem percebeu que a mulher di escritório que ficava próximo ao seu não tinha anéis, como já citamos. Analisar por meio do olhar atento faz com que a personagem conheça mais o outro e, conseqüentemente, tente encontrar uma explicação para esse sonho, já que este o angustia e o aprisiona em seu próprio ser. O narrador-personagem está acometido pelo medo, pois percebe que cada vez mais está próximo de ser encontrado pela sua personagem onírica. Mas, certa noite, como diz o narrador:

Um fato extraordinário aconteceu certa noite, alguma interseção sutil, algum fio que correu no frouxo nó que ligava meu sono incompleto aos demais abruptos do segurança. Sonhamos os dois ao mesmo tempo e sonhamos com uma cobra (FIGUEIREDO, 2009, p. 137).

Nesse momento em que ambas as personagens sonham no mesmo instante devido um mal súbito do segurança e a personagem se sente feliz, pois via nesse ocorrido uma esperança de resolução do problema, ou seja, de liberação desse pesadelo. O sonho tratava de uma cobra que rastejava pela grama e formava um “S”, em torno dela havia listas negras, muito parecidas com anéis.

No outro dia, no horário do almoço, o narrador-personagem escuta em pregador na calçada da rua discorrendo sobre a simbologia da cobra para o cristianismo, apegado ao texto bíblico, no livro de Gênesis 3. Interessante pensar que, segundo o texto bíblico, a serpente engana a mulher, Eva, para que ela coma do fruto proibido, assim como esta convence o homem, Adão, a comê-lo também. Há assim uma influência discursiva enganosa por parte da serpente para que Adão e Eva desfrutassem desse fruto, mesmo este sendo claramente proibido por Deus.

Essa relação textual não se dá por acaso. Primeiro por meio do olhar como já discutimos, o sentido da visão que traz entendimento e conhecimento, pois segundo o texto bíblico “vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e

a árvore desejável para dar entendimento” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 5) comeu do fruto proibido e ainda deu o mesmo ao marido. A segunda relação possível, é que a mulher que o narrador-personagem sempre via pela janela foi novamente a boate onde o sujeito trabalhava, e após este ajudá-la a se livrar de um homem inconveniente, ela o convida para beber alguma coisa, ficam um tempo juntos, chegam até a dançar juntos e é nesse momento que o sujeito se vê na dúvida se já conhecia essa mulher.

A personagem não lembra com clareza, mas a via em seus sonhos junto com o narrador-personagem. Após algumas bebidas ela pede para que ele a levasse embora, ele pede ao gerente para sair e é liberado, mas ao invés de deixá-la em casa, leva-a para a pensão onde passam à noite.

Como já nos referimos a esta mulher, sabe-se pelo olhar atento do narrador que ela era bonita, que chamava a atenção dos homens. De certa forma, podemos compará-la com Eva, já que leva ao sujeito do sonho a fazer alguma coisa que está fora da sua rotina. Não há problema algum em o segurança dormir com a garota do escritório, mas ocorre uma mudança na mulher, pois ela pega o anel de serpente dele como observa o atento narrador: “havia um anel no seu dedo. Um anel dourado” (FIGUEIREDO, 2009, p. 141). A percepção do olhar do sujeito ficou mais aguçada, como a própria personagem descreve:

Vi o impossível: a serpente, o mais sábio dos animais do Paraíso, a verdadeira amiga do homem, dava três voltas completas ao redor do dedo da mulher, para terminar com a cabeça chata levemente erguida e dois olhos vermelhos que ardiam em rubis (FIGUEIREDO, 2009, p. 141).

A serpente segundo o relato bíblico veio para “abrir os olhos”, isto é, revelar alguma coisa. Trazer, talvez não a solução, mas apenas revelar um segredo da vida. E é assim que o narrador personagem analisa esse trecho “a serpente queria me salvar. Havia convencido a mulher a provar o fruto proibido para inverter a simetria e restaurar o equilíbrio a meu favor” (FIGUEIREDO, 2009, p. 141).

Nesse sentido, o narrador-personagem segue a mulher no final do expediente até o prédio da mesma e, quando entram no elevador e ficam a sós, ele a agarra e rouba o anel. Chega em casa tranquilo, como se tivesse resolvido o problema da sua vida, pois “ao chegar em casa, retirei da cama todos os grampos, gravetos, cascas secas, pinos, tudo que representava a negação do meu sono” (FIGUEIREDO, 2009, p. 143). Nessa noite o narrador-personagem consegue ir para cama de boa vontade, com desejo de dormir, mas logo o sonho volta, porém diferente.

O segurança está deitado na cama da pensão, e ao ser chamado por uma voz que vinha de fora, não respondia, não se mexia, não dava sinal de vida. Isso era tudo o que o narrador esperava, que ele não acordasse mais. É interessante que esta personagem ainda faz uma pequena análise da situação do conto, considerando que o segurança para ele está morto “talvez estejamos os dois mortos” e ainda “se é assim, o sonho desse homem que dorme é o meu purgatório. Mas eu, para ele, sou o inferno” (FIGUEIREDO, 2009, p. 143).

Considerações finais

Ficamos, assim, suspensos no final do conto. Não sabemos se tudo não passou de um sonho, ou se realmente sonhara com tudo aquilo de fato e o anel de serpente o “salvou” desse pesadelo. Algo parecido ocorre no conto Verá, de Villiers de L'Isle Adam. Enfim, a sequência da narrativa é bem estruturada e assim consegue criar certa hesitação, clímax e tensão no conto. No entanto, esses elementos narrativos são essenciais, segundo Todorov (2012) para a instauração do gênero por meio do estranhamento, incerteza e dúvida, não só da personagem como também do leitor.

O que percebemos, então, na prosa de Rubens Figueiredo é uma narrativa intimista, de enredo que questionam a própria identidade do sujeito e também do próprio narrador. Segundo Trevisan e Atik, “as narrativas de Rubens Figueiredo recortam as nuances do cotidiano e expressam o incomodo provocado pelas ações, pelos desejos inconfessáveis ou ainda adormecidos” (2012, p. 166).

O duplo da personagem se revela por meio do sonho, e mostra-se como talvez o próprio narrador gostaria de viver, já que as personagens são diferentes na maneira como levam a vida. O narrador-personagem é um sujeito preso a sua rotina de trabalho e nem amigos tem direito, a única referência de afeto fica por conta de Mendonça, que é, na verdade, um colega de trabalho³. A mulher que ele via pela janela era aquela que ele não alcançaria exceto por meio do sonho e do segurança da boate. Este se faz como o narrador fora da rotina que o prendia.

Portanto, o narrador está enclausurado na vida “real” que leva na rotina de seu trabalho, pois a personagem nem mesmo tem um momento de lazer, exceto em uma noite que vai ao cinema, mas como ele mesmo sabe é apenas uma desculpa para atrasar o sono

³ No início do conto há uma referência a um casal de amigos que não surge mais no conto, parece-nos que abandonaram o “amigo” vendo-lhe nessa situação.

e, conseqüentemente, o sonho. Mas o indivíduo não está apenas preso à realidade, mas também ao seu sonho (pesadelo), que não o deixa dormir direito e ainda causa-lhe medo, mudando um pouco sua rotina.

Referências:

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. IN: *O olhar* Adauto Novaes (org) São Paulo: Cia das letras, 1998.

FIGUEIREDO, Rubens. O livro dos lobos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROAS, David. Tras lós limites de l´real. Uma definición de ló fantástico: Primera edición: septiembre de 2011.

TREVISAN, Ana Lucia; ATIK, Maria Luiza Guarniere. Um conto de Rubens Figueiredo: A narrativa onírica. Revista Graphos, vol. 14, nº1, 2012 / UFPB/ PPGL.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica; Tradução Maria Clara Correa Castello – São Paulo: Perspectiva, 2012.